

# REDES *do* TEMPO

Jornal do Museu de Sines: Número 9 | Agosto 2012 | Diretor: Manuel Coelho | Edição: Câmara Municipal de Sines | Distribuição Gratuita



MUSEU  
DE  
SINES

“A Praia de Sines”, óleo sobre madeira de Maria de Lourdes de Mello e Castro - 1945

## Maria de Lourdes de Mello e Castro Pintora da luz de Sines

Maria de Lourdes de Mello e Castro (1903–1996), discípula favorita do mestre Malhoa, deixou-nos alguns dos mais belos quadros da praia de Sines. Os seus óleos, pintados durante os anos da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, mostram uma Sines idílica, longe das tribulações do mundo. Luminosa e aberta, a vila de Sines das suas obras paira sobre o areal, um pequeno paraíso balnear ao abrigo da escuridão que, nesse preciso momento, engole o centro da Europa. Recordamo-la através das palavras do filho, Luís Alvellos.

A minha mãe falava de Sines sempre com grande recordação, com gosto e com uma memória sentida dos anos que lá estivemos. São essas memórias que estão fixadas nos seus quadros. Quando íamos para Sines eu tinha apenas uns três ou quatro anos, por isso não tenho uma memória visual disso; do que melhor me lembro é de me obrigarem a fazer sestras. Tenho memória é, anos depois, das histórias de Sines que ela contava.

Começámos a ir passar o verão a Sines porque estava lá um primo da minha mãe, tesoureiro da fazenda, chamado Francisco Porto, que lá deve ter estado até fim dos anos 40 e depois passou para Constança e depois Tomar. O que é certo é que, nos vários anos em que ela foi de férias para Sines, pintava sempre. Era também a sua forma de viver a praia e as férias. Não alugávamos casa porque costumávamos ficar em casa desse primo.

Na altura não havia praticamente restaurantes. Não havia nada, estava-se em casa, comia-se em casa. A casa tinha um terraço muito bonito, onde foi feito aquele quadro - “No terraço em Sines”. Estávamos lá todos, era imensa gente. Mas crianças éramos só nós, eu e o meu irmão, que até apa-

recemos em alguns dos quadros, de chapéu junto do toldo da família.

Morávamos em Lisboa e penso que íamos de comboio. Estava-se sempre um mês ou dois. Era tudo mais lento e mais pesado e



Maria de Lourdes de Mello e Castro

também, depois, não havia pressas. Compensava-se o esforço da ida com o tempo que lá se estava, porque era complicado, a viagem era longa e com crianças e malas.

A minha mãe não era nada repentinista a pintar. Era um trabalho árduo, aliás dentro da linha do Malhoa. Ela só começou a pintar com tintas depois de dois ou três anos de desenho a carvão. Quem chegava à tinta já tinha uma tarimba de desenho por trás. Esteve com o Malhoa durante vários anos e depois, muitas vezes, ia no verão a Figueiró dos Vinhos, para “O Cortiço”. O Malhoa também esteve hospedado na nossa quinta, em Tomar.

A minha mãe tinha um banco, daqueles que se armam, com três pés e assento em couro, um chapéu-de-sol, umas malas (que nós ainda temos) com as paletas e as tintas. Tinha todo um ritual, tal como o próprio Malhoa, que fazia disso uma certa solenidade. Se fazia um quadro, só voltava no dia seguinte à mesma hora, por causa da luz. Lembro-me perfeitamente.

Quando a Europa toda estava em convulsão, ali, naqueles quadros, é uma tranquilidade... Quando tantas crianças sofriam na Alemanha, na Polónia, em todos esses sítios, aqui em Portugal estava-se...

Há sobretudo aquela rapariga, que é outro quadro que nós não temos, a rapariga com os olhos azuis. É a mesma rapariga que está noutra quadro a pôr um balde na areia. É um quadro lindo, talvez um dos quadros mais frescos, mais conseguidos, mais felizes, que reflete, apesar de ser aquela época de guerra, uma certa paz. É uma contradição, mas é, de facto, uma alegria de vida e de luz. Tudo isso nos olhos daquela rapariga.

A partir de entrevista a Luís Alvellos, por Ricardo Pereira, a 6 de setembro de 2011.

### Nota prévia

Esta edição do Redes do Tempo reúne testemunhos que remetem para quatro visões da paisagem física e humana de Sines num arco temporal que cobre todo o século XX. O ponto de partida para este trabalho foi a aquisição, pela Câmara Municipal de Sines, de um óleo da autoria de Maria de Lourdes de Mello e Castro, que se reproduz nesta página. Esta obra, que fixa de forma impressionante a imagem da Praia de Sines nos anos 1940, é uma das melhores que esta importante artista portuguesa pintou em Sines, e passa agora a fazer parte do espólio municipal. Ao filho da pintora, que nos recordou os dias com a sua mãe em Sines, e a todos os outros participantes neste jornal - com testemunhos e cedência de textos e imagens -, o nosso agradecimento pelo contributo que enriquece o património imaterial deste concelho.

O Presidente da Câmara  
Manuel Coelho

## Maria das Dores Lobo de Vasconcellos

# Um mergulho no tempo

Maria das Dores Lobo de Vasconcellos nasceu a 26 de dezembro de 1887, em Santiago do Cacém. Os longos verões passados em Sines são uma parte importante das suas memórias, que deixou escritas com uma rara perspicácia e sentido de humor. Foi educada em casa e nunca frequentou a escola, pelo que se dizia oficialmente analfabeta. Lembra-se o seu filho José de a ouvir a rir-se sozinha enquanto escrevia sobre os dias felizes e despreocupados da sua infância.

Sines, 23 de julho de 1955

Recordando Sines na minha / nossa Infância:

A época de Sines - o tempo dos banhos - depois de três meses passados na Ortiga, marcou a nossa meninice, deixou recordações que nunca mais se esquecem. Começavam os preparativos na última semana da Ortiga, com os arranjos dos fatos de banho! Era a primeira etapa. A Margarida consertava, aumentava o fato do ano anterior, as calças estavam curtas, acrescentava-se mais um bocado de qualquer fazenda na cor, não tinha importância, ficava tapado com o casibeque!

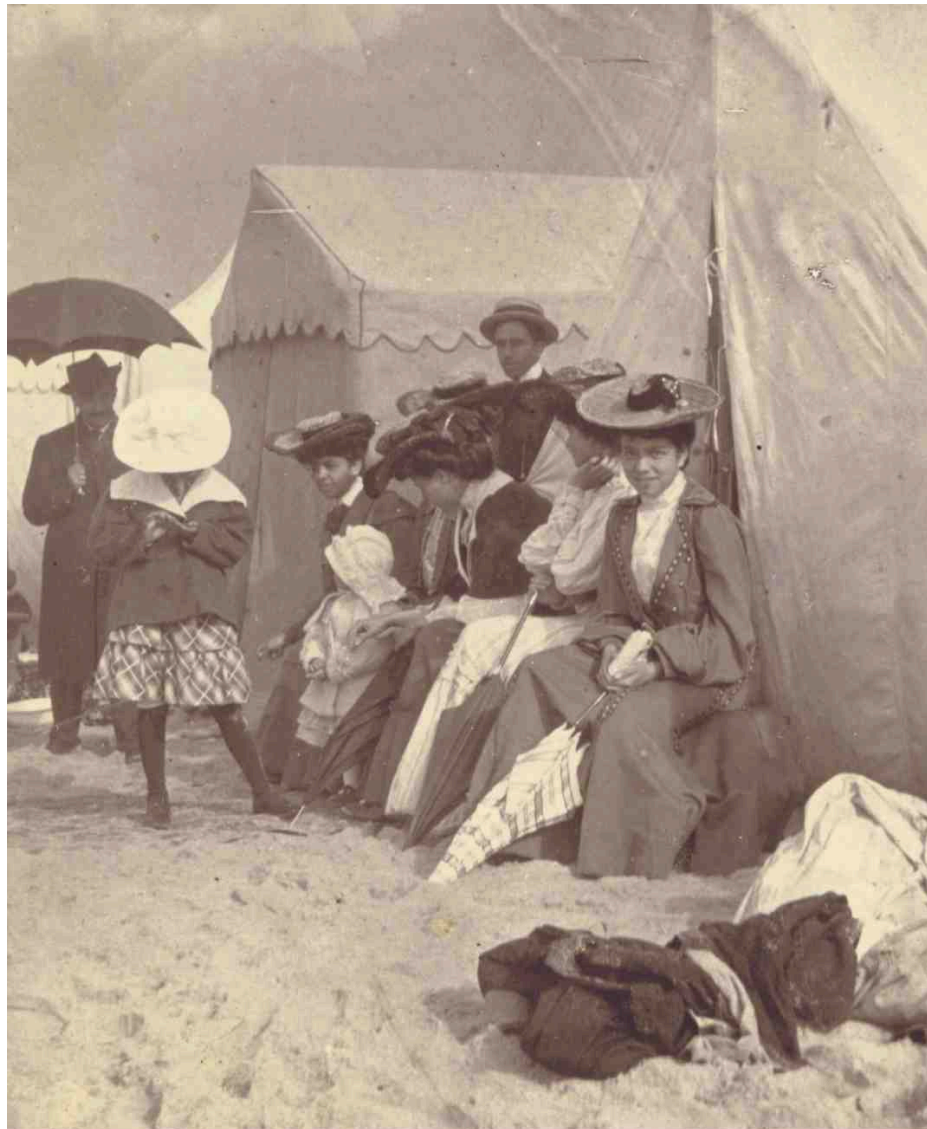
Até aos oito anos os fatos eram de flanela branca com fitas vermelhas a guarnecer, calça justa, por baixo do joelho, casaquinho com dois palmos abaixo da cinta, gola ao marujo, cinto do mesmo com os ditos enfeites! Depois dos oito anos o modelo de fatos mudou. Eram de flanela azul-escuro e preto, aos quadros, vestido inteiro avivado de nastro branco, botões à frente, fazenda pesada, por baixo, calça de ganga azul escura com um palmo da mesma baeta para enfeitar! As senhoras tinham capas da mesma baeta com capuz, enfeitados com os mesmos nastros, mas nós nunca tivemos esse luxo! Nos pés, sapatos de lona com fitas vermelhas a ligar às pernas.

Antes de ir para Sines a nossa Mãe obrigava-nos a tomar um purgante para preparar os banhos; sem isso não se podia entrar no mar! E lá engolíamos aquela horrível purga de "limonada" de citrato de magnésio, dois copázios daquela porcaria e estávamos o dia a caldo de frango sem sal, depois um caldo de pão torrado, uma aguaritana de fazer vomitar as tripas, por último, já esganadas de fome, comíamos uma perna de frango e arroz branco deslavado!

Depois desta preparação estávamos aptas, já com os fatos de banho arranjados, a irmos para Sines!

Começavam a partir as primeiras carradas de coisas para a época dos banhos, malotes, cestos, malas e trouxas. (...)

A instalação em Sines era acompanhada de muitos gritos, descomposturas, azares e arrelias da parte da nossa Mãe, ela dava-se muito mal à beira-mar, o Pai adorava vir para Sines, tomava sempre banho, mas fazia-lhe muita impressão o sol, de forma que ia para dentro do mar



Maria das Dores (à direita) na praia de Sines - Set. 1905 - Coleção da família Lobo de Vasconcellos

sempre de chapéu de sol aberto, gostava de estar à beira mar, depois dava o chapéu ao banheiro e mergulhava, nadava e vinha para casa muito satisfeito. O fato de banho era de flanela preta, calção comprido e blusa, nunca usou fato de malha de riscas. A nossa Mãe tinha um fato de gorgorão muito bonito, mas fazia-lhe muito mal tomar banho, a época de Sines era acompanhada de grandes dores de cabeça.

A hora de irmos para a praia era sempre antes das sete da manhã! Às sete e meia, o mais tarde, entrava-se na barraca para mudar os fatos, depois estava-se cá fora um bocadinho a arrefecer e... já roxos de

frio, de mãos dadas com o banheiro Augusto, duas de cada lado entrávamos para o mar! Se a maré era baixa, o mar estava manso, a coisa ia bem, mas se a maré era cheia, se havia ondas, que medo!!!

Era um horror! Tomávamos o primeiro mergulho entre aflições horríveis e medo, o frio da água, um horror! Depois outro mergulho e mais outro, depois de cinco mergulhos o banheiro dizia: "Tem abondo"! e triunfantes, com os casibeques e todas as fraldas agarradas ao corpo vínhamos para fora! A senhora Helena, à beira mar, deitava-nos água doce na cabeça, cobria a dita com uma toalha e a correr e a tropeçar corríamos para a barraca! Ali havia várias bulhas por causa dos lugares da bacia da água onde lavávamos os pés antes de calçarmos as meias, por fim cada uma comia um biscoito ou duas bolachas que levávamos para comer depois do banho. Antes do banho ninguém comia, tinha de se entrar no mar em jejum! E acabada a toilette, antes das oito horas estávamos em casa, fazia muito mal sol depois do banho! (...)

Os nossos lençóis de banho eram dum tamanho e de uma incomodidade inconcebível. Eram lençóis de linho grosso, lençóis de cama de três panos, um só chegava para nós três, mas era um para cada um de nós, claro está, nunca ninguém pensou em escolher coisa mais pequena, mais cómoda para nós e para a pobre mulher

que carregava com a trouxa de roupa todos os dias. Como tudo era diferente!

O almoço era às 9-9 e meia, e que fome nós tínhamos nessa altura! Devorávamos as sopas de tomate, os salmonetes ou o peixe frito e no fim tomava-se café com leite! Às 11 horas íamos para a lição, pois como tínhamos mestra em casa a nossa instrução tinha que continuar! A mestra Alemã, nessa altura, não sabia música mas a nossa Mãe venceu esse obstáculo mandando-nos três vezes por semana, durante duas horas, para casa do senhor Grilo! E lá íamos com a trouxa dos livros e das músicas fingir que estudávamos alguma coisa! O senhor Grilo era amador de música e acho que duvidava muito dos nossos estudos, mas a nossa Mãe, coitadinha, fazia a diligência para fazermos alguma coisa na música, se não fizemos nada, foi só nossa a culpa, e o senhor Grilo nunca nos traiu.

Mais tarde abandonámos aquele plano, pois o senhor Grilo morreu e fomos estudar as sobreditas duas horas de piano para a casa da Dona Josefa. Mas os progressos não foram brilhantes, foi só encher o tempo. Por último a nossa Mãe alugava na casa Lambertini, para a época balnear, um piano e por três meses tínhamos piano em casa! Pagava-se de aluguer 5.000 reis e viagem para o piano! Adorámos esta companhia, foi um prazer e um luxo que muito nos divertiu.

Com o decorrer dos anos foi crescendo o nosso entusiasmo pela época de Sines; por volta dos meus sete anos começam as minhas recordações desse tempo. Foi nessa época que se estreitaram as relações de amizade com as meninas e os meninos da família Pidwell, companheiros da nossa infância feliz e da nossa juventude. Os nossos Pais já eram amigos, não era de admirar por isso que todos nos entendéssemos muito bem. A nossa Mãe não era fácil com as nossas relações, mas com aquela família amiga tínhamos licença para conviver à vontade.

Lembro-me bem do primeiro pic-nic com os nossos amigos, o que nós gozámos, foi o início dos pic-nics que marcaram, por largos anos, o divertimento anual máximo. Foi o Farol o sítio escolhido, no terraço do primeiro andar que então existia e que já não existe também!

Como nós apreciávamos aquele divertimento até então para nós desconhecido! Lembro-me muito bem das nossas correrias pelos medos, o nosso Pai gostava muito de gente nova e divertia-se com as nossas brincadeiras. (...)

Só se fazia por ano um pic-nic, mas era tão cheio de gozo, enchia tanto a vida aquele divertimento, que as recordações duravam o ano seguinte. Nem se pensava sequer que se podia repetir o prazer, era um e ninguém exigia que fosse dois, em lugar de um só. Bem entendido que os respetivos Pais e Mães não faltavam no pic-nic, era um divertimento para todas as idades, todos apreciavam e gostavam do passeio, ninguém se mostrava maçado ou aborrecido.

Excerto de "Recordando...", Maria das Dores Cabral Parreira Lobo de Vasconcellos (edição de julho de 1998)



Banhistas na praia de Sines - 1905 - Coleção da família Lobo de Vasconcellos

# José Lobo de Vasconcellos

## Entre Sines e Morgavel

José Lobo de Vasconcellos nasceu em Sines, na Rua do Mar, atual Rua Sacadura Cabral, junto dos Penedos da Índia, no seio de uma família com ligações seculares a esta terra. Engenheiro agrónomo e arquiteto paisagista – da primeira geração que se formou em Portugal – aliou o estudo científico à sua aplicabilidade prática na Herdade de Morgavel, a sua menina dos olhos. Desse trabalho resultaram os renques de árvores que ainda hoje caracterizam a paisagem daquela zona.



José Lobo de Vasconcellos - 2012

Eu nasci em Sines, naquela casa amarela perto dos Penedos da Índia, que parece um forte, mas é tudo uma fantasia romântica. Essa casa pertenceu ao Conde do Bracial, como quase todo o quarteirão e ali tinha vivido o vice-cônsul americano. Ainda havia lá a placa. Até à 2.ª Guerra Mundial, havia muitos barcos estrangeiros, de carga, que iam levar principalmente cortiça e já não tanto fruta e cereais como noutros tempos.

O meu avô só ia para Sines após a Feira do Monte, mas nós depois começámos a ir mais cedo. Já depois de casado, ia com a família em junho e vinha todos os dias a Santiago trabalhar. Estávamos julho, agosto, setembro, até dia 15 de setembro, e depois íamos para casa dos meus sogros. No tempo dos meus avós era costume que, quando chegávamos, dali a bocado aparecesse um mensageiro dos Pidwell, que

desejava saber se tínhamos feito boa viagem - de Santiago a Sines, imagine-se! Passados uns dias é que iam lá a casa visitar a minha avó. A minha mãe e as minhas tias davam-se com as inglesas, que estavam sempre presentes na nossa vida. Era um mundo que a minha mãe descreve atentamente nas suas memórias.

Depois da morte do Sr. Frank Pidwell, a filha, casada com o Sr. Emmerico Nunes, deixou a casa de Lisboa, no Dafundo, e vieram aqui para Sines, para a casa grande da Quinta de Santa Isabel. Emmerico Nunes não era só uma pessoa das nossas relações, era uma pessoa das nossas amizades. A D. Clotilde era uma grande amiga da minha mãe, uma mulher muito distinta. Era inglesa, fazia o chá como eu nunca vi tão bom. Teve três filhas, a mais nova bastante mais nova que as outras duas. É minha afilhada de batismo. A Maria Helena era afilhada da minha mãe e os pais dela afilhados dos meus avós, de modo que havia ali uma ligação. Emmerico Nunes pintou os retratos dos meus pais e dos meus avós e muitas vezes perguntava-lhe: “Não pinta nada, não faz uma exposição cá?” “Para quê?”, respondia ele, “Não se vende nada”. Também me lembro bem da pintora Maria de Lourdes de Mello e Castro, que passou alguns verões da década de 40 na casa ao lado daquela onde nasci.

### A Herdade de Morgavel

A Herdade de Morgavel estava na família há séculos. Um documento, creio que do tempo de D. Afonso VI, conta que havia por cá muitos piratas. O que é que resolveram fazer? Os meus avós desse tempo e os vizinhos juntaram o seu gado na praia. Os piratas iam roubar o gado “ao luzeiro na



José Lobo de Vasconcellos em Morgavel - 1942 - Coleção da família Lobo de Vasconcellos

manhã”, mas entretanto as tropas caíram-lhes em cima e os nossos amigos piratas fugiram. Tivemos uma carta de armas a explicar isso e é a razão de o meu avô materno ser Luzeiro Infante de Lacerda. Passados muitos anos, a minha mãe, que lia muito, comprou um livro alemão onde vem essa história.

Era o gado dessa Herdade de Morgavel que se levava todos os anos à praia para o banho 29. Iam os porcos, ia tudo. Iam à vontade, gostavam muito. Os cavalos, então, deliravam com a água. Mesmo na praia de Sines, tomavam banho dentro de água. Mal não fazia com certeza e eu procurei manter a tradição.

Há outra história curiosa com o meu avô. Os Passanha tinham muito gado e o feitor disse um dia: “Sr. Dr., eu preciso de ir a férias uns dias para a praia e estou preocupado com quem é que toma conta do gado. E como o Sr. Dr. é muito amigo e primo da família...” E dizia a minha mãe que as vacas do Diogo Passanha começaram a ir passar o verão à praia de Morgavel. Estiveram lá o tempo que lhes apeteceu e nunca as vimos.

Para aquela época, o que se estava então a explorar nas terras estava certo. Era trigo - que se dava muito mal -, aveia, pastagens para ovelhas e vacas. E depois havia um pequeno laranjal, para casa, e uma vinha pequena. É claro que o sistema cultural que tínhamos... nem pensar em fazer agora. É tudo diferente.

Em Morgavel tínhamos uma praia pertíssimo, onde não havia ninguém. Fiz a demarcação da parte do domínio público marítimo e da parte particular com o comandante do porto de Sines e Setúbal. E a propriedade ainda tinha por dentro algumas praias propriedade nossa e pen-

sou-se fazer ali um ponto de turismo e fez-se um projeto, em 6 hectares apenas. Entretanto fomentou-se o arranjo do campo de aviação na Provença, que a ideia era ter o apoio... Fantasias que a gente tem... Então começámos a orientar a exploração no sentido de ser no futuro a zona moderna de produção de hortícolas e de ovelhas, vacas, que era o apoio que se dava a esse projeto.

O projeto turístico tinha de ser aprovado e foi-o, pelo ministro das obras públicas, Rui Sanches. Simplesmente, no dia seguinte, ou quatro ou cinco dias depois, aparece o Plano de Sines [Complexo Industrial], feito pelo Marcelo Caetano, e pronto... Perdeu-se tudo.

Fiz um estudo sobre o clima em Morgavel e o meu irmão sobre as dunas. Depois pus em prática e fui fazendo a compartimentação das áreas descobertas, aproveitando os resultados desse estudo - não inventei a pólvora, evidentemente.

A água das chuvas é transportada pelo vento, simplesmente. Depois de muitos estudos, verifiquei isto: se houvesse um “anteparo”, árvores ou muro, na zona, isso interferia nos valores. Isso era importantíssimo para fazer umas faixas arborizadas, de tantos em tantos metros, e dava resultado. O importante era fazer o travamento da velocidade do vento com arborização. Suponho que ainda há lá uns restos e aquilo foi um sucesso.

Isso foi um trabalho muito grande, deu-me muita despesa e gastei muito tempo, e depois tive de defendê-lo. Foi muito bem classificado.

Não havia máquinas, eu é que fazia as contas, ou então havia umas máquinas já de manivela, eram as únicas máquinas. O resto era de algibeira: era a minha cabeça, a caneta, o lápis e o papel. Fui aos serviços florestais pedir se me emprestavam aquelas caixinhas de medir e todo o material necessário.

E é engraçado que aquilo resultou. Não só na teoria mas na transposição para o campo aquilo provou-se.

Nesse aspeto tive um precioso orientador, a quem eu tanto devo, que foi o professor Caldeira Cabral, um homem fora de série.

E houve outra coisa que tentei fazer: parece que as marés, em determinadas condições, fazem subir o lençol freático. E se isso fosse assim? Mas eu já estava farto...

Fui da primeira geração de arquitetos paisagistas e tenho uma grande pena de não ter feito mais. Do que eu gostava mais era disso. E gosto. Interesse-me sempre pelo ambiente.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, em agosto de 2012.



Morgavel em 1905 - Coleção da família Lobo de Vasconcellos

Álvaro Perdigão

# Cores e linhas à beira-mar

Álvaro Perdigão, pintor nascido em Palmela em 1910, viveu a sua vida em Setúbal, para onde foi com quatro meses de idade. Passou o verão de 1961 em Sines, de que deixou memória em várias telas, três das quais pertencem hoje às coleções do Museu de Sines. A sua filha Isabel Perdigão, que o acompanhou nessas férias, lembra-nos aqui o trabalho do seu pai e a sua relação com os pescadores de Sines.



Auto-retrato, desenho, 1930

Só fomos um verão para Sines. Eu tinha feito o primeiro ano da faculdade e foi o último ano que passei férias com os meus pais. O meu pai e a minha mãe faziam as férias de acordo com os interesses do meu pai. Eu desde pequena que me lembro de Troia, Portinho da Arrábida, Ericeira, Sines... Ele tem coisas também muito bonitas do Baleal.

Alugámos casa em Sines. Presumo que era uma casa que os pescadores alugavam no verão, bastante perto da praia, que eu estou a ver virada para o mar, na segunda rua antes de chegar àquele largo e depois descer as escadas para a praia.

Lembro-me perfeitamente da praia. Passei as minhas tardes a ler, debaixo daquele barco virado que o meu pai pintou, com aquele cheiro característico do peixe, do mar, da água a secar - horrível, devo confessar, com redes e moscas, mas era à sombra!

Tenho memória, em Sines, de ter ido com o meu pai à pesca ao candeio, à lula. Apanhei um frio, uma coisa desgraçada, à noite, no meio do mar, apesar da camisola - a gente está habituada ao calor de verão -

mas achei divertidíssimo. Não sei o que é que o meu pai depois terá aproveitado ou não para pintar.

Quando os pescadores o viam com a paleta, a pintar, iam ter com ele e pediam-lhe para fazer desenhos e letras nos barcos. O meu pai fazia sempre. Pediam-lhe muitas vezes o emblema do Benfica e ele fazia-lhes uma águia estilizada, enfim, fazia-lhes sempre a vontade. E depois eram extremamente simpáticos, descobriam a morada e iam-lhe oferecer peixe. Às duas por três, a minha mãe dizia: "Tu não pintes mais quadros aos pescadores que eu já não consigo ver peixe à minha frente!" (riso).

O meu pai, não sei como, arranjava sempre alguém que lhe dava uma boleia. Estivemos em Porto Covo e arranjou alguém que nos levou à Ilha do Pessegueiro, de que meu pai fez posteriormente um quadro, que eu não sei onde para... Nunca havia dificuldade no contacto dele com as pessoas. Hoje já há visitas organizadas, mas naquela altura ia-se num bote a remos. Porto Covo era uma coisa mínima. Eu tenho impressão que na altura nem rua alcatroada tinha.

Pintava muito, mas era muito irregular. Era professor e por isso tinha de gerir o tempo de maneira a cumprir a sua profissão e a pintar. Mas era capaz, por exemplo, de estar uma semana, quinze dias, sem propriamente olhar para as tintas, para o cavalete. Não quer dizer que não desenhasse ou que não fizesse esboços. O meu pai nunca conseguia estar sem fazer alguma coisa. Podia ter um quadro imenso tempo no cavalete e não lhe pegar, o que não queria dizer que não estivesse a fazer outras coisas.

O meu pai sempre preparou as telas dele. Nunca, nunca na vida, utilizou uma tela pré-preparada, daquelas que se compram hoje. Nem pensar nisso! Preparava a tela, o que levava o seu tempo, e eu ajudava-o. Depois fazia a esquadria. Tinha uma a ser preparada, uma no cavalete e tinha outra a secar.

Tinha insónias e trabalhava às vezes pela noite dentro. Lembro-me de acordar de



"A Calheta" - Legado de José Miguel da Costa

noite e de ouvir a música no ateliê - clássica ou jazz - e sabia que o meu pai estava levantado a pintar.

Tinha blocos pequenos ou maiores, e tinha o desenho a carvão ou a lápis, mas na maior parte das vezes carvão. Nas telas, carvão, sempre. Tirava o miolo do pão e apagava o carvão. Depois eu tinha de comer ao lanche as carcaças sem o miolo lá dentro. Mas eu protestava, dizia à minha mãe: "Compre carcaças para o pai-zinho e compre para o meu lanche, se faz favor!"

No desenho - isso é que me divertia imenso - punha só uma pinta e aquele tom era mesmo o tom que ele via daquilo que fosse, àquela horas e com aquela luz, naquele lugar. E isso guiava-o depois para a tela. Eu lembro-me desses bloquinhos, mas eu suponho que o meu pai os foi deitando fora. Aquilo era uma vida inteira. O pai fez a primeira exposição com 19 anos, em Setúbal, e faleceu com quase 84.

Os desenhos dos pescadores feitos a bordo da traineira 'A Quatro Marias', do porto de Setúbal, estiveram expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes em 62.

"A Calheta" é um dos meus quadros preferidos, porque aquilo realmente só tem cor e linhas. As linhas servem para demarcar e depois com a cor ele faz os volumes.

"O Barco" foi um dos quadros que o meu pai me ofereceu. Eu pedi insistentemente ao meu pai aquele quadro, estive imenso tempo no meu quarto e era, teoricamente, meu... Mas depois um dia o meu pai disse:



"Pescador" - Legado de José Miguel da Costa

"Sabes, pediram para comprar o quadro e é para o museu... E eu, muito contrariada, deixei o meu pai levar o quadro, mas foi muito contrariada, aborreci-me muitíssimo, devo confessar".

A partir de entrevista a Isabel Perdigão, por Ricardo Pereira, a 10 de agosto de 2012



"Barco na Areia" - Legado de José Miguel da Costa